

A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA DIFERENCIADA ENTRE OS TERENA DA ALDEIA BURITI-MS: TRADUZINDO A CULTURA

Fernando Augusto Azambuja de Almeida*

Neimar Machado de Sousa**

Recebido: 08 set. 2012

Aprovado: 14 set. 2012

* Mestre em educação pela Universidade Católica Dom Bosco UCDB, Campo Grande, MS, Brasil.

E-mail: azambujahist@yahoo.com.br

**Professor e pesquisador da Linha 3, Diversidade Cultural e Educação Indígena, do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, Brasil. E-mail: professor_neimar@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho fez parte da pesquisa de mestrado denominada: O processo escolar dos Terena da Aldeia Buriti-MS, cujo objetivo foi analisar a Escola Municipal Indígena Alexina Rosa Figueiredo, que fica dentro da referida aldeia, no município de Dois Irmãos do Buriti, Mato Grosso do Sul. Essa escola constituiu-se numa realidade educativa diferenciada na qual o corpo docente e a comunidade estão construindo um terceiro espaço dentro do qual os protagonistas dessa tradução cultural têm ressignificado os valores dominantes, clamando por autonomia. Essa transposição das fronteiras entre línguas, território e comunidades os levou a criar na escola, a partir da experiência de novos-antigos saberes, um caminho poroso entre espaços intersticiais, fruto da resistência e das negociações que os Terena vão construindo. A metodologia empregada, além da revisão bibliográfica, aplicou as técnicas de história oral, mediante entrevistas com o corpo docente, para ouvir as concepções outras de educação escolar indígena diferenciada e seus objetivos em relação à realidade dos Terena do Buriti. Entre os resultados obtidos, percebeu-se que a Escola Municipal Indígena Alexina Rosa Figueiredo está apoiada em um modelo que valoriza a cultura e reforça o controle da escola pela comunidade, devorando-a e transformando-a em uma experiência transformadora que empodera.

Palavras-chave: Educação escolar indígena. Terena. Decolonização. Professores indígenas.

INDIGENOUS EDUCATION AMONG THE TERENA PEOPLE: CROSSING CULTURAL BORDERS

Abstract: This paper is a communication about a school process that takes place among the Terena, an indigenous people, in southern Brazil. One analyzes the Indigenous School Alexina Rosa Figueiredo, that is placed at the municipality Dois Irmãos do Buriti, Mato Grosso do Sul state. This school it constituted in a differentiated educational reality in which the community is building a new space to be protagonist of her own education, vis à vis external values. They are searching more autonomy for the school. The methodology deployed consists in literature revision, techniques of oral history, interviews with teachers and old indigenous people about their conceptions on education and their goals. The results point that inside the indigenous school Alexina Rosa Figueiredo is being born a new, difficult and slow model that appraises positively native culture through differentiated education and the control of the school by the community.

Key words: Indigenous education. Terena. Native teachers.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz parte da pesquisa de mestrado denominada: Escolarização entre os Terena da Aldeia Buriti, cujo objetivo foi analisar a Escola Municipal Indígena Alexina Rosa Figueiredo, no município de Dois Irmãos do Buriti, Mato Grosso do Sul.

Essa escola constituiu-se, ao longo dos anos, numa realidade educativa diferenciada, na qual os Terena criaram um espaço de redemocratização poroso e flexível de resistência e negociações, no mesmo espaço dessa instituição tradicionalmente homogênea e vertical que é a escola ocidental.

A metodologia empregada, além da revisão bibliográfica, aplicou as técnicas de história oral, mediante entrevistas com o corpo docente e professores, muitos dos quais já aposentados, para entender suas concepções de educação indígena diferenciada e seus objetivos em relação ao perfil do egresso.

O surgimento das escolas indígenas, públicas e diferenciadas, dentro do sistema de ensino brasileiro acende o debate sobre a educação intercultural, ganhando centralidade, dentro da discussão sobre a necessidade de políticas sociais descolonizadas, principalmente a partir de meados do século XX.

Esta centralidade, no entanto, gerou discussões bastante conflitantes em relação à temática. Ao se pensar em políticas para uma educação intercultural, coloca-se em xeque o mito da democracia racial brasileira e questionam-se conceitos bastante arraigados na sociedade como o de “uma escola igual para todos”.

Se olharmos a origem do modelo de escola, ainda hegemonicamente ocidental, podemos constatar que ele está historicamente vinculado aos modelos das escolas ocidentais. Hoje este modelo de escola moderna está sendo questionado, principalmente por aqueles que não se sentiram participantes deste projeto moderno de educação.

Uma das críticas mais contundentes é a de que, nessa concepção, longe de existir um conceito de cidadania universal e igualitário, o que se percebe é a hegemonia de um determinado perfil de grupo social: o de homem branco proprietário, letrado e cristão.

Como consequência, percebe-se uma grande exclusão e discriminação dos sujeitos que não se encaixam neste perfil de “cidadão”. A escola, antes concebida como universal e igualitária, passa a ser vista como excludente e discriminatória, no discurso de muitos indígenas.

No Brasil, esta realidade pode ser vislumbrada nos projetos de escolas diferenciadas propostos pelo Movimento Indígena. Além de suas reivindicações políticas econômicas, os povos indígenas também construíram seus próprios projetos educativos, inclusive com a criação das escolas específicas, diferenciadas e gerenciadas por eles.

Assim, acabaram de mostrar que o modelo de educação estandardizada para toda a sociedade, como garantia de igualdade e educação para todos, independentemente de sua etnia ou classe social, já não dá mais conta de responder às exigências colocadas pelos novos atores sociais.

Com isso, analisar o processo de negociação com os saberes e os conhecimentos tradicionais e a educação básica entre os Terena da aldeia Buriti-MS com os avanços, desafios, dificuldades e contradições, é o objetivo deste texto.

OS ÍNDIOS TERENA

Os Terena falam uma língua da família linguística Aruak e descendem dos Tixané-Guaná mencionado pelos cronistas setecentistas. Até o final do século XIX, estavam separados e se distinguiam entre si, em vários povos: Terena ou Etelenoé, Echoladi, Quinquinau e Laiana. Os anciãos da Aldeia Buriti reconhecem ainda hoje os termos Etelenoé, Laiana e Quinquinau (AZANHA, 2000).

A autodenominação Terena aplica-se hoje a todos que se reconhecem e são reconhecidos como tal. Além da filiação para o reconhecimento étnico, os Terena possuem outro critério: o compartilhar da solidariedade étnica, isto quer dizer que, mesmo que uma pessoa filha de Terena resida há anos fora da aldeia, ela deve ser solidária com seu povo se quiser ser Terena, conforme Azanha (2000, p. 21) “o haver nascido em uma aldeia Terena não é condição necessária para o reconhecimento da identidade étnica Terena.”

São várias as características socioculturais dos Terena que os englobam na tradição cultural Aruak. Uma delas é desempenhada pela agricultura na sua economia. Antigamente, a agricultura dos Tixané-Guaná era admirada pela sua sofisticação, com utilização até mesmo de uma espécie de arado (*warere-apêti*), descrito pelos cronistas e ainda hoje lembrado pelos Terena mais velhos da Aldeia Buriti.

As outras características, segundo Azanha (2000, p. 27), “são a terminologia de parentesco do tipo havaiano¹, os primos, tanto paralelos quanto cruzados, são assimilados aos irmãos, e a estrutura social fortemente patrilinear.”

Ou seja, o sistema Terena não faz distinção entre primos e prole, todos os quais pertencem ao mesmo parentesco por afinidade, só que os filhos e filhas recebem o nome do pai, mas somente os filhos transmitem a denominação a sua prole, isso significa que a qualificação é transportada indefinidamente pela linha masculina.

Interpreta-se que a abertura para o exterior dos Aruak foi responsável pela incorporação ao seu patrimônio cultural de saberes e equipamentos culturais de outros povos e teria lhes favorecido a adaptação em ambientes diversos, o que explicaria o seu expansionismo e seu domínio sobre outros povos, que reputavam de inferiores.

Essa teoria está fundamentada com a realização de alianças com povos que os Tixané-Guaná consideravam superiores, politicamente falando, desde que isso lhes trouxesse vantagens, como ocorreu no passado com os Mbyá-Guaicuru ou depois com os *porutuyé* (Branços).

Criando um espaço, os Tixané-Guaná faziam suas negociações com outros povos e com isso adquiriam conhecimentos dessas culturas e os adequavam ao seu modo de ser ou sua realidade, trazendo para dentro da comunidade outros conhecimentos terenizados², que passavam a fazer parte da sua cultura.

Bhabha explica este espaço de negociação com os Tixané-Guaná como entre-lugar e de acordo com ele,

O entre-lugar trata-se de uma estratégia de subjetivação que dá início a novos signos de identidade, ou seja, um espaço de articulação entre as diferenças culturais, articulação esta que causa estranhamento e negocia os poderes da diferença (1998, p. 43).

Pode-se dizer, como base no que afirma o autor, que um entre-lugar nada mais é do que um espaço-tempo liminar, ou seja, um espaço intersticial (espaço de tempo) onde as culturas convivem e negociam a sua existência. Os Terena, após a Guerra do Paraguai

¹ O sistema de parentesco havaiano é utilizado para definir a atribuição de uma pessoa para um grupo de parentes por meio da consanguinidade e afinidade.

² Estou chamando de terenizados, conhecimentos exógenos, que, quando é de interesse dos Terena e da comunidade, eles transformam para seu proveito dentro da comunidade tornando-os parte da cultura por exemplo a Igreja Católica (espaço físico) é o local onde os Terena batizam suas crianças com broto de laranja e sal, pois broto representa a criança, o novo, e o sal a preservação.

utilizaram deste estratagema para transitarem nesses dois mundos”, como estratégia de reciprocidade e com isso garantir a sua cultura e a promessa da demarcação do seu território.

Um espaço liminar, situado no meio das designações de identidade; uma ligação que constrói a diferença, ou melhor, um movimento que evita que a diferença seja vista através de polaridades e binarismos fixos (pois seria esta a designação de diversidade), pois tal espaço reconhece as diferenças e as encara.

Esse movimento e passagem que o entre-lugar permite, acaba por abrir espaço para um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem hierarquia. Esta noção de hibridismo nos auxilia a entender que nenhum sistema cultural se constitui sem a diferença (HALL, 2002). É válido destacar que esta relação não é realizada com base na tolerância, mas sim numa interação, numa negociação, em que é possível o reconhecimento e aceitação da diferença.

Tal espaço é um momento onde as experiências da nação e seus valores culturais são de fato negociados. Foi a estratégia dos Tixané-Guaná para sua sobrevivência utilizando deste espaço poroso, flexível para as reivindicações, os seus avanços e recuos perante uma sociedade homogeneizadora. Um exemplo disso foi a sua aliança com os Mbayá Guaycuru, para sua proteção contra os seus inimigos: os Guaranis, os espanhóis e os bandeirantes. Em troca disso houve uma hibridação cultural de ambas as partes.

OS TERENA DA ALDEIA BURITI NEGOCIANDO ENTRE AS FRONTEIRAS

Os Terena têm criado dentro das escolas espaços flexíveis, porosos e negociados, para que possam transitar entre as fronteiras culturais, buscando conhecimentos que viessem suprir as necessidades da comunidade do Buriti, tendo em vista a revitalização da cultura e o reforço da identidade, contrariando um contexto que os inferioriza em virtude de sua diferença.

O teórico indiano dos estudos pós-coloniais, Homi Bhabha (1998, p. 27), escreveu a esse respeito que,

o trabalho fronteiro da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O “passado-presente” torna-se parte da necessidade e não da nostalgia de viver.

Com base no autor, que um *entre-lugar* nada mais é do que um espaço-tempo liminar, ou seja, um espaço intersticial (espaço de tempo) onde as culturas convivem e negociam a sua existência. Um espaço liminar, situado no meio das designações e identidade; uma ligação que constrói a diferença, ou melhor, um movimento que evita que a diferença seja vista através de polaridades e binarismos fixos (pois seria esta a designação de diversidade), pois tal espaço reconhece as diferenças e as encara.

Essa categoria configura-se numa possibilidade interpretativa possível do significado da educação para os Terena da aldeia Buriti, pois eles expressam-na em termos de ponte entre a comunidade e o mundo ocidentalizado com suas portas abertas para compartilhar e construir uma vida boa para todos. Os professores de Buriti, nas entrevistas consideram que a educação não é fixa, pois junto com os saberes universais, os saberes tradicionais são socializados também de forma não hierarquizada e monológica.

Percebe-se nas falas dos professores indígenas da escola Municipal Indígena Alexina Rosa Figueiredo na aldeia Buriti uma rica reflexão sobre uma educação indígena diferenciada como alternativa a um mundo globalizado. O pano de fundo é a construção de uma escola que se propõe, mediante negociação de fronteiras culturais, a passagem até um outro lugar não subalternizado.

Os professores indígenas percebem que o conceito de educação não se restringe à educação escolar, entendendo que a educação indígena tem sua origem e sua força na tradição que é passada oralmente de geração a geração. É este pensamento que aparece nos depoimentos a seguir,

A nossa educação teve a sua própria criação. A criação de saber quem somos nós, de onde viemos, como vivemos, a nossa concepção e para onde apontamos a nossa trilha para o futuro. A nossa educação é para servir ao nosso povo, não para dominá-lo. Ela é livre, flui de dentro para fora e de fora para dentro. Ela é uma arte que encanta e habita dentro de nós e que está se renovando (PATROCÍNIO, 2008).

A educação indígena também é vista pelos professores indígena da aldeia Buriti como um saber prático que lhes permite viver e conviver na comunidade Terena como indígena.

A educação é a aprendizagem dentro de nossa casa junto com os pais e avós, no roçado plantando e colhendo, são os trabalhos e os cuidados com as plantas medicinais, são os rituais comemorativos e sagrados, são as reuniões e organizações da sociedade, é o respeito com a natureza as rezas e benzimentos, é a aprendizagem na sala de aula, enfim a educação é tudo que está relacionado a partir dos nossos direitos (PINTO, 2008).

Percebe-se que, para os professores indígenas da Escola Municipal Indígena Alexina Rosa Figueiredo, na aldeia Buriti, a escola é um espaço, uma embaixada, de negociação dos saberes, onde transitam os conhecimentos tradicionais e os universais, com isso a comunidade tem acesso e controle da escola e ainda valoriza a cultura e fortalece a identidade Terena.

Para os professores, a escola deve estar comprometida com o futuro dos jovens Terena da aldeia Buriti e com a comunidade e por isso, ela precisa ser diferenciada, no sentido de não mais estar enquadrada num modelo de uma escola vertical ocidental. Por estes depoimentos, é possível perceber o que é para os Terena, uma escola indígena,

A escola indígena é diferenciada porque nossos professores ensinam e aprendem com a gente coisas de nossa cultura, e do livro também. A educação escolar não é apenas onde se ensina a ler e a escrever, mas uma escola onde aconteça o fortalecimento da nossa cultura, o modo de viver do nosso povo, que seja um espaço que associe experiências da nossa comunidade e de outras, que lute pelos nossos direitos, sabendo também quais são os nossos deveres. Participação ativa pelo direito a terra, vida política social, valor da cultura, solidariedade, pensamento coletivo, construção da autonomia, e principalmente ter certeza de quem somos (ALCÂNTARA, 2009).

Autonomia, liberdade, relação com a comunidade são algumas características destacadas pelos professores para que exista uma escola indígena diferenciada. Mas eles também destacam a necessidade desta escola estar dialogando com o mundo ocidentalizado, num diálogo intercultural. Como Fazer Isso?

Conforme Bhabha (1998, p. 29)

a intervenção do além que estabelece uma fronteira, uma ponte onde o fazer-se presente começa porque capta algo do espírito de distanciamento que acompanha a realocação do lar e do mundo, que é a condição das iniciações extraterritoriais e interculturais.

Os Terena da aldeia Buriti estabelecem aberta a fronteira, para que se possa dialogar entre os dois espaços culturais, buscando a interculturalidade com uma autonomia, respeito e reciprocidade, para que a educação indígena diferenciada possa permanecer neste espaço de entre-lugares.

A ideia de que é preciso construir sua identidade indígena, neste mundo contemporâneo, parece estar presente no pensamento dos professores indígenas Terena da aldeia Buriti, como deixa transparecer este depoimento,

A nossa comunidade ainda é discriminada por não ter as características físicas dos nossos antepassados e, por estar usando bastante tudo que a tecnologia tem a nos oferecer. Mas tudo que aconteceu e está acontecendo não é culpa nossa. O mundo está se transformando e nós também não podemos ficar parados no tempo. Eles querem é nos ver vestidos com a saia de buriti, sempre pintados, falar a língua Terena, que eles não entendem, usar cocares, ter a pele escura, olhos puxados, cabelo liso, morar em ocas na floresta e viver de caça e pesca. Tudo isso Aconteceu há muito tempo atrás, nós evoluímos! (ALVES, 2009).

A ideia da escola indígena como uma ponte entre a aldeia e o mundo não indígena indica um espaço de negociação dos saberes, onde é um desafio colocado para escola que está comprometida com os interesses da comunidade indígena Terena, como é o caso da Escola Municipal Indígena Alexina Rosa Figueiredo da aldeia Buriti. Neste sentido, os professores têm um papel fundamental na construção deste diálogo de saberes.

Apesar de muitas dificuldades e desafios, percebe-se uma apropriação da escola pelos professores Terena, transformando-a e adequando-a à realidade da comunidade Buriti. A experiência escolar dos Terena da aldeia Buriti deixa descoberto a dimensão política da escolarização. Vivendo inicialmente a experiência da exclusão e discriminação numa escola nada comprometida com sua cultura, eles tiveram a possibilidade de mudar esta situação e experimentar uma escola sintonizada com sua luta, com seus projetos. Em qualquer uma das situações é possível perceber o caráter político da escola, desmitificando a ideia de que é uma instituição neutra. Ou seja, a neutralidade escolar sempre serviu para ocultar processos discriminatórios a grupos menos favorecidos.

Os professores indígenas Terena da aldeia Buriti ao assumir a dimensão da política da escola, passarão a ver esta instituição como espaço público onde todos da comunidade podem e devem participar.

Bhabha (1998, p. 51), ao refletir o espaço público como um desafio sustenta que:

O desafio reside na concepção do tempo da ação e da compreensão políticas como descortinador de um espaço que pode aceitar e regular a estrutura diferencial do momento da intervenção sem apressar-se em produzir uma unidade do antagonismo ou contradição social. Este é um sinal de que a história está acontecendo, o interior da página da teoria, no interior dos sistemas e estruturas que construímos para figurar a passagem do histórico.

Ao entrar no espaço público, os Terena da aldeia Buriti buscam controlá-lo para que este possa servir aos interesses e necessidades comunitárias. Por outro lado, os professores da Escola Municipal Indígena Alexina Rosa Figueiredo têm tido cautela ao entrar neste espaço, que historicamente foi concebido como devorador de identidades diferenciadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme os depoimentos dos professores da escola da aldeia Buriti, nota-se que eles estão preocupados e focados na educação diferenciada e bilíngue. Por outro lado, a burocracia estatal e municipal tem grande dificuldade em compreender esta ruptura paradigmática da educação diferenciada, mas, ainda assim, os professores se mantêm firmes para transpor as barreiras até a educação diferenciada.

E ainda que o espaço criado dentro da escola, no qual a comunidade e os não indígenas possam dialogar no contexto da interculturalidade, as equipes das secretarias municipais de educação e a estadual, precisam compreender os conceitos da educação diferenciada neste espaço intercultural.

Percebe-se que o projeto da Escola Municipal Indígena Alexina Rosa Figueiredo está apoiado em fundamentos que valorizam a cultura e reforça o controle da escola pela comunidade, além de concretizar uma experiência de confrontação entre o debate, travado nos cursos de formação de professores, e a experiência vivida na escola, transformando-se em uma experiência formadora que fortalece a luta e o compromisso dos professores dessa comunidade indígena.

Os professores terena da Escola Municipal Indígena Alexina Rosa Figueiredo, na Aldeia Buriti, estão interagindo e negociando dentro da escola em direção à mobilização comunitária e de lideranças para comprometimento da comunidade com uma educação indígena diferenciada, alicerçada em pressupostos teóricos consistentes, que desobedece os cânones do conhecimento formal e escrito.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Gilmar Verón. 10 abr. 2009. Entrevista concedida à Fernando Augusto Azambuja de Almeida.

ALVES, Gerson Pinto. Aldeia Buriti, MS, 7 abr. 2009. Entrevista concedida à Fernando Augusto Azambuja de Almeida.

AZANHA, Gilberto. **Relatório GT 553/FUNAI**. Brasília: FUNAI, 2000.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

HALL, Stuart. **Da diáspora**. Identidade e mediações. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

PATROCÍNIO, Noel. Aldeia Buriti, MS, 08 abr. 2008. Entrevista concedida à Fernando Augusto Azambuja de Almeida.

PINTO, Ramão Alves. Aldeia Buriti, MS, 08 abr. 2008. Entrevista concedida à Fernando Augusto Azambuja de Almeida.